

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2007 - ANO XI - Nº 123

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Não há dúvidas de que o clima da Terra não é mais o mesmo. Nos últimos anos, a temperatura média do planeta vem se elevando. A maior parte desse aumento deve-se às ações humanas, especificamente à emissão de gases que intensificam o efeito estufa. Estimativas apontam que esse aquecimento crescente trará sérias implicações em todas as formas de vida. A população mundial vem sendo alertada para os níveis críticos de degradação socioambiental sofrida pelo planeta.

As mudanças climáticas impõem-se como um dos principais desafios para o Brasil, neste século. Nosso país é altamente vulnerável à elevação da temperatura global e pode sofrer impactos proporcionais ao tamanho de seu território, como alteração da faixa litorânea com o aumento do nível do Atlântico, desertificação do sertão nordestino e savanização da Amazônia oriental. O recente consenso científico sobre o impacto do aquecimento global aponta obstáculos que os países terão de enfrentar. Não dá mais para postergar medidas que deveriam ter sido adotadas. As mudanças climáticas que vêm ocorrendo afetarão o continente americano, de forma significativa, provocando secas, extinção de espécies e fome na América Latina.

Vivemos um momento crítico. É hora da virada. O meio ambiente passou a ser prioridade de governo em todas as instâncias. É preciso ter-se consciência do grave momento e sentido de urgência, para se atuar com rapidez. Medidas mitigantes não protegerão as futuras gerações. Precisamos ser mais ousados e olhar para o futuro. A única solução para enfrentar as alterações climáticas é reduzir a quantidade de CO₂ (dióxido de carbono) e de outros gases que vêm sendo liberados na atmosfera. Também podem contribuir para enfrentar o problema iniciativas que consigam retirar da atmosfera parte do carbono acumulado – o sequestro de carbono. O reflorestamento de grandes áreas é uma das possíveis iniciativas que poderia colaborar para esse sequestro de quantidades significativas de carbono.



O vale do ribeirão Limeira é foco de projeto de revegetação de mata ciliar coordenado pela FCR, com recursos do FEHIDRO. Com suas nascentes na mata da IMBEL e aproximadamente 24km de extensão, o Limeira percorre terras de Piquete e Lorena.

Estado prioriza Meio Ambiente

Nunca as questões ambientais estiveram tão em evidência, como nos últimos anos. As mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global passaram a ocupar lugar de destaque nas agendas dos governantes. Segundo estudos da comunidade científica, não haverá lugar no mundo que não venha sofrer agravos em função das mudanças climáticas. Se os países não começarem a se mobilizar, as consequências serão catastróficas, uma vez que seus efeitos vão além da esfera ambiental e passam pela econômica e social. Nesse sentido, o governo de São Paulo, ciente da relevância de suas iniciativas no assunto, lançou, no último dia 02 de abril, 21 Projetos Ambientais Estratégicos. O evento, presidido pelo governador José Serra e pelo Secretário de Meio Ambiente, Xico Graziano, contou com a participação de autoridades das diferentes secretarias de governos e ambientalistas. As ações ambientais propostas têm como diretrizes as mudanças climáticas e os reflexos do aquecimento global, o desenvolvimento sustentável e a gestão eficiente, com resultados e transparência.

O governador José Serra cobrou mais agressividade nas ações do governo ao afirmar que uma das principais dificuldades na área ambiental “é passar do discurso para a prática”. Para ele, os pontos fundamentais

na execução dos projetos estratégicos são a participação ativa das Organizações Não Governamentais, o envolvimento dos municípios, cuja cooperação será premiada com facilidades de acesso a recursos, e a atuação da Polícia Militar Ambiental para punir os infratores. “Se não há fiscalização e punição, as coisas não são cumpridas”, disse.

O Secretário de Meio Ambiente afirmou que o lançamento dos projetos constitui “um esforço de gestão, mostrando a vontade de sair do discurso para ações efetivas”. Explicou que a execução dos projetos será acompanhada por uma equipe de gerenciamento.

As ações estão sendo implantadas em conjunto com outras esferas do governo, municípios, entidades ambientalistas e a iniciativa privada. A Fundação Christiano Rosa, desde sua instituição, há dez anos vem buscando conscientizar a comunidade piquetense, conclamando-a a se engajar na causa ambiental. Todo cidadão deve se informar sobre as condições do ambiente que o circunda, a fim de exercer conscientemente a cidadania. Os 21 Projetos Ambientais Estratégicos do governo do estado de São Paulo são uma conquista da sociedade, que, no entanto, deve se engajar na sua execução.

Imagem - Memória



Alunos do Grupo Escolar de Piquete e do Catecismo Paroquial em romaria organizada pela professora Silverinha, com a ajuda de Maura Mineiro e Arlindo de Moura. Na foto, de 1938, o grupo encontra-se em frente à Basílica Nacional.

Foto arquivo Pro-Memória

Peregrinação ao Santuário Mariano de Aparecida

Não há quem não tenha guardado em casa uma fotografia tirada em Aparecida. Ir a esse Santuário Mariano faz parte dos sonhos da maioria dos católicos do centro-sul do país que, pelo menos, uma vez na vida o visitam. Ao longo dos anos, gerações de romeiros deixaram registrados essas peregrinações através de retratos lambe-lambe tirados por dezenas de fotógrafos postados no largo da Velha Basílica. São fotos de casais, de famílias, grupos de estudantes, trabalhadores, moradores de diferentes paróquias que, por intermédio dessas imagens, deram testemunho de fé posando diante da igreja de duas torres, santuário da imagem milagrosa da padroeira do Brasil.

A devoção e culto à Imaculada Conceição Aparecida fazem parte da cultura religiosa do piquetense. Nasceu com os primeiros povoadores que aqui se estabeleceram e fortaleceu-se com a chegada do padre João Marcondes Guimarães a Piquete, em 1934, quando passou a administrar a Paróquia de São Miguel. Até aquele ano, por mais de quatro décadas, Piquete esteve sem padre residente. Seu primeiro vigário, o italiano Francisco Filippo, que ficara pouco mais de um ano, foi embora em 1890. Então, a Paróquia de São Miguel ficou sob a administração de padres de Lorena e do Embaú. Nesse longo período, esporadicamente a comunidade recebia a visita de

missionários redentoristas, que pregavam os prodígios de Nossa Senhora Aparecida. O padre João Guimarães, que cultivava e propagava a devoção à Virgem Imaculada, fortaleceu a fé e a devoção a Nossa Senhora. Recém-ordenado e residindo no município, trouxe novo ânimo aos paroquianos. Não media esforços para conquistar novos fiéis. Percorria os quatro cantos do município sempre levando a Boa Nova do Evangelho. Para ele, anunciar a Palavra de Deus era tão importante quanto ensinar o catecismo. Trouxe para os paroquianos um novo estilo de pregação. Com ele cresceu a espiritualidade do piquetense, floresceram as associações religiosas e obras assistenciais e de caridade. Seu zelo para com a paróquia era grande. Ia além do cumprimento das suas tarefas, vivendo com seriedade e retidão o seu ministério presbiteral. Seu exemplo contagiava a todos, de maneira que desabrochou a catequese na matriz, nas capelas urbanas e dos bairros rurais. A devoção mariana do padre João Guimarães estimulou os fiéis à prática da peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora. A partir de sua chegada, todos os anos a Paróquia de São Miguel organizava romarias para Aparecida. Umas, com grande números de romeiros, outras, nem tanto. Havia romaria de congregados marianos, da

Pia União das Filhas de Maria, da Cruzada Eucarística, do Catecismo Paroquial, de operários da Fábrica, e outras. Anos mais tarde, foi criada a romaria ciclística Padre Juca. Sempre romeiros piquetenses dirigiram-se a Aparecida, a pé ou a cavalo. Por muitos anos, o trenzinho piqueteiro foi o transporte usado pelos peregrinos para chegarem até a Imagem Milagrosa e agradecer-lhe as graças recebidas. Após participar da missa, visita à sala dos milagres e ao porto de Itaguaçu, lugar onde apareceu milagrosamente a Imagem da Imaculada, em outubro de 1717, posavam para fotografias. No fim do dia, os peregrinos retornavam a Piquete, renovados na fé, cheios de esperança e fortalecidos para o embate do dia-a-dia.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Maria Cipolli

Todos os que têm o privilégio de conviver com ela saem enriquecidos. Espírito evoluído, sua vida é voltada para o próximo: coloca-se sempre a serviço. Todo seu trabalho é direcionado ao crescimento do ser humano. Quem a procura encontra apoio, respeito e carinho. Adotou Piquete como sua terra natal e a defende acima de tudo.

Natural de Queluz/SP, Maria Vicentina Cipolli do Nascimento nasceu a 19 de julho de 1927. Filha do escrivão João Cipolli e Albertina de Almeida Cipolli, é a caçula entre quatro irmãos. Cresceu numa família em que a caridade era uma constante. Coursou o primário e o ginásio em Cruzeiro, transferindo-se para Guaratinguetá, onde estudou na Escola Normal do Instituto de Educação Conselheiro Rodrigues Alves. Formou-se professora em dezembro de 1947.

No início de 1948 já residia em Piquete, para onde veio lecionar, como substituta, no Grupo Escolar Antônio João. Logo, porém, transferiu-se, como efetiva, para a escola Santa Rita dos Pilões, em Guaratinguetá. Permaneceu nessa instituição por pouco tempo, pois retornou a Piquete, comissionada, para o Ginásio da Fábrica Presidente Vargas, vindo lecionar História e Geografia. Com a criação do Grupo Escolar Darwin Félix, passou a dar aulas nessa nova escola, que funcionou, provisoriamente, na Vila Barão, em duas casas separadas. “Eu lecionava em uma e minha amiga Yolanda Luz em outra. Nossa diretora era a professora Ondina Barbosa”.

Em seguida, voltou a lecionar no Grupo Escolar Antônio João, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1979. Foram 32 anos como mestra e educadora dedicada; sempre respeitada pelos alunos e colegas, entre os quais Leonor Guimarães, Conceição Godoy, Maria do Carmo Pascoal, Mariinha Motta, Milita Vilar, Olga Eklund, Eunice Fernandes, Wanda Guedes, Mirthes Chaves... Cita,



também, os diretores Carlos Ramos e Osmar Simas.

Paralelamente ao trabalho de educadora, Maria Cipolli atuou na Rede Feminina de Combate ao Câncer, desde sua fundação pela professora Ruth Brasil Nunes. Colaborou sempre com as ações dessa importante entidade de Piquete. Ressalta, também, a importância do trabalho da saudosa professora Dulce Bittencourt D'Amico, incansável voluntária sempre à frente dessa obra beneficente.

Outra entidade à qual pertence, desde que chegou a Piquete, é o Centro Espírita Deus e Caridade. Lá foi presidente e, atualmente, faz parte de sua Associação Social. É membro, ainda, da Associação de Professores Aposentados de Piquete.

Maria Cipolli casou-se, em dezembro de 1948, com o dentista Fritz Sachse do Nascimento, que conheceu logo após a formatura. Tiveram três filhos e seis netos.

Maria Cipolli é uma mulher calma e tranqüila. Os gestos finos e delicados contrastam com a firmeza com que fala da necessidade de voluntários na luta contra diversas mazelas sociais. Considera-se realizada com a felicidade dos filhos e netos, e prega o amor ao próximo onde quer que esteja. Suas ações e persistência lhe conferem nobreza ímpar. O reconhecimento do seu trabalho em favor dos menos favorecidos rendeu-lhe, merecidamente, o título de Cidadã Piquetense.

Notas da Cidade

✓ 10 anos da FCR

A Fundação Christiano Rosa promoveu, no dia 14 de abril, uma reunião ordinária comemorativa dos dez anos de sua instituição. Na ocasião, por aclamação, foram reconduzidos os membros do Conselho Curador e da Diretoria da FCR. Foram empossados, também, os novos membros: Sra. Rejane Coura e Sr. Luiz Carlos Oliveira. Ambos, colaboradores da Fundação, passam agora a compor seu Conselho Curador.

✓ FCR no CEIVAP

A Presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa, Teca Gouvêa, esteve em Brasília para reunião com o Presidente da ANA – Agência Nacional das Águas, juntamente com outros Diretores do CEIVAP e AGEVAP. A reunião serviu para tratar de Convênio de Integração a ser assinado entre os Estados de MG, SP e RJ.

✓ FCR em evento em São Paulo

A Fundação Christiano Rosa foi convidada e esteve presente na cerimônia de lançamento do projeto “Corredores Ecológicos no Vale do Paraíba”, dia 19 de abril, no espaço de eventos “Rosa Rosarum”, em São Paulo.

✓ Fotos aéreas de Piquete

A Fundação Christiano Rosa (FCR), visando a ampliar seu banco de imagens de Piquete, realizou uma série de fotografias aéreas do município. Essas fotos irão ilustrar trabalhos de revegetação florestal desenvolvidos pela FCR.

✓ Semana Santa em Piquete

A Semana Santa em Piquete foi celebrada com a presença de grande número de católicos em toda sua programação.

✓ Jongo de Piquete

Esteve em Piquete, no dia 31 de março, a comissão organizadora e produtora do próximo “Encontro de Jongueiros”, a ser realizado em Piquete, no segundo semestre deste ano. Estiveram no município o produtor da “Brasil Mestiço”, associação fluminense voltada para a comunidade jongueira, além de lideranças de comunidades de Campinas, Guaratinguetá, Rio de Janeiro e Quissamã/RJ. Aqui conheceram e aprovaram as instalações a serem utilizadas no evento, ao qual, calcula-se, comparecerão cerca de mil pessoas das comunidades jongueiras dos estados de São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, e Rio de Janeiro.

Esse encontro, com repercussão nacional, visa a divulgar o jongo, patrimônio imaterial tombado pelo IPHAN.

Festa Junina dos professores do Grupo Escolar Antônio João, na década de 60. Maria Cipolli é a sexta, a partir da esquerda.



O que nos mostra o Tempo Quaresmal?

A questão amazônica, em suas contradições, envolvida pela retórica que “modula as palavras e define as almas que visa a atingir”, é proposta pelo tempo quaresmal como meditação sobre os humanos frente ao ambiente ao qual estão destinados.

No carnaval, o prazer e a alegria.

Na Quaresma, a mortificação.

Todo prazer deve ser castigado?

A Igreja Católica, que tornou o Carnaval razão dos humanos, busca na Quaresma depurar as almas, razão da fé. Voltada para o sócio-cultural, a Campanha da Fraternidade da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para 2007 colocou como tema A Fraternidade e a Amazônia, e como lema “Vida e Missão neste Chão”.

Os valores humanos e evangélicos são colocados sob um olhar crítico relativamente às relações ambientalistas, na rota do futuro, e sob a égide da idéia da garantia da vida. Assim, não seria fora de propósito considerar, por exemplo, que em Roraima, a área da Reserva Raposa Serra do Sol, com 1,7 milhão de hectares, está cada vez mais invadida pelos arrozeiros. O jornal O Estado de São Paulo (11.02.07) preparou uma longa reportagem sobre o município de Pacaraima, o qual, segundo declaração do ex-prefeito, teve seu território tragado pela Reserva, o que é ilegal. Opinião de grande empresário da área rural expandindo a fronteira agrícola.

Como grande produtor e como então prefeito, em seguida cassado sob a alegação de compra de votos, foi argüido pelo repórter sobre as questões ambientais. Argumentou que “se vier poluição, desequilíbrio ambiental, a gente resolve depois”. Indisposto com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), o produtor entrevistado, o gaúcho Paulo César Quartiero, sem título legal de propriedade, arroga “seus direitos”. Ex-prefeito e atual presidente da Cooperativa dos arrozeiros, alega que “a indiada é estimulada pelos padres” na exigência de seus direitos sobre a Reserva, a qual lhes foi entregue, homologada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 15 de abril de 2005. A “indiada”, segundo o jornal citado, são os grupos

Ingariçó, Mucuxi, Taurepangue, Uapixana e Patamona.

Final, a Amazônia está no foco da imprensa escrita e eletrônica internacional e nacional, numa retórica afinada com idéias políticas e culturais, e repetida incessantemente nos meios acadêmicos e



Trecho da Amazônia brasileira

populares. Portanto, a questão amazônica acaba se tornando mercadoria a ser oferecida como produto de consumo para as horas de lazer. Repetida, enfatizada, e, muitas vezes, distorcida.

Retoricamente tomada, a questão amazônica encontra-se hoje em todas as discussões, atribuindo-se à derrubada das matas e às queimadas as relações dadas pela degradação ambiental, desequilíbrios naturais e mudanças climáticas, com graves conseqüências para a vida tomada na sua generalidade.

Por outro lado, o aquecimento global, outra conseqüência admitida, não deixa de ser lembrado, a partir da citação da ocorrência do derretimento dos glaciares nas áreas dos pólos e o conseqüente perigo da invasão das áreas costeiras. Além das questões ligadas às variações térmicas e pluviais, ou seja, das chuvas, cujas manifestações têm sido admitidas como drásticas, e aos seres humanos são atribuídas as causas, envolvidos pela desenfreada ação consumista.

É por isso que os estudiosos do tema recomendam que “cada vez mais o Estado precisará regular as ações humanas, a fim de evitar os problemas ambientais”.

Daí a ênfase na retórica do ambientalismo, retórica cujo papel é persuasivo, e, como tal, necessita do adequado, ou seja, da eloqüência, para atingir os fins a que visa.

É por isso que os meios de comunicação estão voltados para a questão amazônica, principalmente pelo uso da imagem. Ao focalizá-la, tendo como motivação a visita do Papa ao Brasil, investe na crença de que o evento colocará em evidência o país no mundo, o que não é pouco.

E se a CNBB se conscientizou, nesse momento, dirigida para as diferentes referências da região admitida em sua forma denominada Legal por 9 estados: Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins (consideradas as partes definidas pelo instrumento que regulamenta os planos de ação governamental desenvolvimentista a partir da década de 1960, a SUDAM), teremos mais da metade do território brasileiro

incluído e, portanto, em exposição.

A Amazônia Brasileira definida como Amazônia Legal pelo planejamento da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), do governo federal, inclui toda a Região Norte e mais o norte de Mato Grosso e o oeste do Maranhão, numa área total de 5.057.590 km², ou 59% do território brasileiro.

Parece, portanto, nada mais do que propício e útil discutir agora essa questão.

Assim, o tempo quaresmal se fortificará e se justificará perante a sociedade moderna no uso de seus atributos e instrumentos. E, no caso, a aplicação da própria retórica, pois o espírito desta é pragmático. Mas, sempre com uma observação – a de que ela é serventia de circunstâncias que devem ser muito bem explicadas para não parecer engodo. Com o cuidado para que a natureza e os índios não sejam apenas amostragem de um exótico paraíso edênico. E a paisagem amazônica uma visão edulcorada da realidade para veicular mensagens publicitárias.

Dóli de Castro Ferreira

Correção: conforme o original enviado à redação, leia-se no meu artigo intitulado “A Conferência Episcopal de Aparecida”, na 7ª linha, coluna da esquerda, à página 7, nº 122 (Março/07) 5ª Conferência, e não como foi impresso.

Não há modo de mandar ou ensinar mais forte e suave do que o exemplo: persuade sem retórica, reduz sem porfia, convence, sem debate, todas as dúvidas; desata e corta caladamente todas as desculpas.

Bernardes

O Homem das Américas

Abigayl Lea da Silva

No princípio, houve uma ponte – o estreito de Bering. Da Ásia partiu. E encontrou um território avantajado.

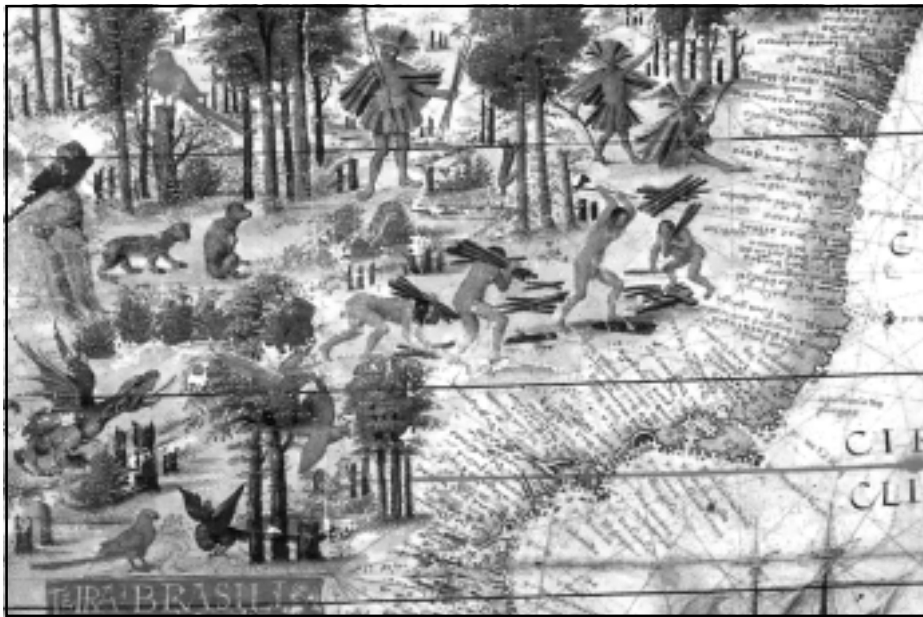
Quase sempre desceu. Algumas vezes subiu, como o taino que, da Amazônia Oriental Brasileira, alcançou as ilhas do Caribe.

Homogeneidade é sua marca. Na aparência e na genética. Somente o ar rarefeito das grandes altitudes produziu um tipo físico distinto – o homem andino (que nos traz grande preocupação na Taça Libertadores de América).

Os europeus, no final do século XV e início do XVI, vieram encontrá-lo já em grande diversidade cultural: o asteca, o maia, o inca em suas cidades monumentais; e tribos nômades primitivas.

Notícias do homem americano no Brasil, as temos, às vezes, isoladas. Como o terço dos índios na 2ª Batalha de Guararapes. Aí está um comandante americano, um indígena, um aborígene: o índio Poti, Antônio Filipe Camarão.

Outras vezes, a notícia fala do homem americano em concentrações de população, como nos Sete Povos das Missões e no Colégio de São Paulo.



comprido, e o rio das Amazonas, da cidade de Belém para cima, já se lhe tem contado mais de três mil, e ainda se lhe não sabe princípio. Por isso os naturais lhe chamam Pará, e os portugueses, Maranhão, que tudo quer dizer mar, e mar grande. E vem-lhe curto também o nome de Babel, porque na Torre de Babel, como diz S. Jerônimo, houve somente setenta e duas línguas, e as que se falam no rio das Amazonas são tantas e

Entre todas, há uma notícia ímpar, dada por um jesuíta, o padre Antônio Vieira (1608 – 1697) no Sermão do Espírito Santo, pronunciado em São Luís do Maranhão:

“Pela muita variedade das línguas, houve quem chamou ao Rio das Amazonas rio Babel; mas vem-lhe tão curto o nome de Babel, como o de rio. Vem-lhe curto o nome de rio, porque verdadeiramente é um mar doce, maior que o Mar Mediterrâneo no comprimento e na boca. O Mar Mediterrâneo no mais largo da boca tem sete léguas, e o rio das Amazonas, oitenta; o Mar Mediterrâneo, do Estreito de Gibraltar até as praias da Síria, que é a maior longitude, tem mil léguas de

tão diversas, que se lhes não sabe o nome nem o número. As conhecidas até o ano de 639 (1639), no descobrimento do Rio de Quito, eram cento e cinqüenta.”

Notícia dessas línguas nos dão também os homens que restaram da expedição de Antônio Raposo Tavares. Quando desciam o rio Amazonas, encontraram aldeias que falavam línguas conhecidas (pertencentes ao tronco tupi-guarani); e outras línguas que os mamelucos de Tavares não conseguiram decifrar.

A peregrinação do homem americano terminou em reservas indígenas.

E ainda há quem as contemple com ódio e cobiça.

Geotecnologia: um Suporte para Administração Pública

Na década de 1990 deu-se início à Terceira Revolução Industrial, período destacado pela crescente capacidade de análise de dados e grande facilidade do acesso à informação por meio de sistemas computacionais cada vez mais simples e baratos, fruto da própria evolução tecnológica.

A evolução tecnológica na Geografia foi inevitável. Nesse processo destacam-se: o sensoriamento remoto, a informatização de dados, a automação de tarefas cartográficas, a utilização dos Sistemas de Posicionamento Global-GPS, os Sistemas de Informações Geográficas (SIG), entre outros instrumentos de ponta.

Os SIG's são sistemas computacionais que funcionam como um grande gerenciador de dados, produzidos ou não, por essas e outras geotecnologias. Por meio deles podemos armazenar, manejar e integrar grande quantidade de informações referenciadas espacialmente, promover meios de análises de modo a relacionar fatos com componentes geográficos, organizar grande variedade de dados e sua forma de apresentação, facilitando o acesso aos usuários

desse sistema. O SIG precisa ser ágil para exibir dados em mapas de boa qualidade, buscando maior precisão no retrato da realidade. Ele é uma grande ferramenta a ser utilizada, por exemplo, na elaboração do Plano Diretor dos Municípios.

O Plano Diretor compreende a elaboração de um diagnóstico prévio do município. Para tanto, reúne dados sobre o meio físico, infra-estrutura, equipamentos, serviços, estrutura administrativa, além de dados socioeconômicos. Posteriormente, será realizado o prognóstico, que é a previsão de algumas tendências, riscos e potencialidades espontâneas. O prognóstico torna-se ótima forma de conscientização para a população, colaborando para um novo olhar e percepção de uma sociedade mais justa e igualitária e seu devido papel de cidadania. Em geral, o plano diretor serve como base para as políticas públicas.

Por outro lado, existe grande entrave na plena utilização desses recursos, uma vez que há falta de bases cartográficas atualizadas e em formato digital. Os últimos mapas e cartas disponibilizados no país foram produzidos na década de 70 e não

retratam a realidade dos dias atuais. As Prefeituras devem ter percepção da necessidade de manter atualizadas suas bases cartográficas. Muitas justificam a ausência dessas bases devido ao aparente alto custo para elaboração ou compra das mesmas. Não devemos questionar o custo de uma base cartográfica atualizada, mas quanto custa não a ter. A maioria dos investimentos aplicados em levantamentos cartográficos quase sempre tem retorno financeiro em até dois anos. É de extrema importância que os prefeitos invistam na cartografia de seus municípios, cujos benefícios serão direta ou indiretamente preciosos. De maneira direta, o município se beneficia com o aumento da arrecadação de impostos através do conhecimento mais preciso dos imóveis existentes; e indireta, por meio de ações planejadas no conhecimento de seu território. Pelo exposto, constatamos ser hoje imprescindível que prefeitos, autoridades e comunidades não se utilizem dessa moderna tecnologia que tanto pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos municípios.

Thiago Batista

Crônicas Pitorescas

Defesa do Leão

Palmyro Masiero

O ancião estava sendo velado na capela do cemitério, e achei, pela amizade do neto, que deveria ir até lá passar umas horas ao lado do falecido. Cheguei por volta das onze da noite e, após uma olhada ao insigne partinte, distribuí pêsames aos parentes apresentados pelo neto, e sentei-me a um canto, em silêncio. Havia bastante gente. Mais de meia-noite, saí da capela pra fumar um cigarro. Recostei-me à parede externa, fumegando, e, por não ser surdo, ouvi a conversa entre dois velorentos, que, ali fora, também estragavam a saúde, como eu. Vou contar o que, na verdade, auscultei, e tenho certeza de que muitos não vão botar fé, mas aconteceu. Um papo que peguei no meio do caminho e que não condescendi ser um lugar próprio, adequado, apropriado, enfim... Leiam o que escutei, já que não posso mandá-los ouvir:

- Comigo toda profissão declararia imposto de renda!
- Todo mundo é obrigado a declarar...
- Aí é que você se engana.
- Sei... Vai dizer que tem nego que faz trambique, tramóia... Mas, de qualquer maneira, declara. Cabe ao “Leão” farejar a marmelada, se é que esse tipo de leão tem faro.
- Não, não é da malandragem que estou falando. Diga-me: qual é a mais antiga das profissões?
- Sei lá... Agricultura?
- Nunca ouviu dizer que a prostituição é a mais velha das profissões?
- Não, nunca ouvi...
- Pois dizem... E, ao que me consta, as prostitutas não declaram renda...
- Recolhem pro INSS?
- Desconheço... Creio que no rol das profissões institucionais não esteja a de meretriz, e se não recolhem pro instituto, não se aposentam.
- Também... Levam a vida numa boa, né?
- Ponto de vista. Não concordo que a vida delas seja fácil. Podem ganhar bom dinheiro enquanto jovens e bonitas, mas, na dobrada do cabo da boa esperança, como é que ficam?

- Verdade...! Cara vai procurar mulher bonita e boa. Bagulho fica no encosto.
- Veja, então, que a vida delas não é tão fácil assim.
- Se fizessem uma lei oficializando a profissão?
- Como é que o “Leão” iria conferir a declaração?
- É mesmo, seu! Como comprovar os rendimentos? A não ser que elas fizessem nota fiscal em duas vidas. A primeira, de comprovante, para o IR, e a segunda pro marmanjo apresentar para dedução.
- Prazer entra como dedução no formulário?
- Tô por fora... Mas, quem vai querer apresentar esse tipo de recibo? Se o bicho está a fim de uma extra, vai lá querer seu nome no livro-caixa de uma casa de mulheres? Deixar a prova do crime? Nem burro...
- E as que viram bolsinhas, livremente, e que vão para motéis... Como controlar?
- Com essas é impossível... Agora, as donas das tais casas deveriam instalar relógios de ponto: A gata vai pro quarto, acompanhada, bate cartão de entrada... Terminado o serviço, bate a saída. Assim, no cartão de horas acamadas não ficaria o nome do cara e seria estabelecida uma quantia média por hora. Teria, entretanto, que haver vigilantes da receita ao lado do relógio, nas portas e janelas dos quartos, pro jeitinho tão nosso não funcionar.
- A não ser que elas pagassem em espécie, né? Mas pra quem? Para o gerente do banco que recebe os formulários? Ou pra turma da Receita Federal? Ia dar pau...
- Elas exigiriam recibo de, de... Isso pode ser chamado de declaração, de comprovação, do quê?
- Bem, os de direito... Dariam uma grana como restituição e uma declaração de que são isentas?
- Quem iria querer em espécie os bagulhos?
- Estava demais! Achei por bem voltar a ser sentinela de defunto...

Amor ao próximo

Ele: casado, desempregado.

Ela: grávida e garçone de restaurante.

Certa manhã, ele saiu de bicicleta, a fim de entregar seu currículo no comércio e indústrias. Deixou o último para ser entregue numa fábrica à margem da rodovia que circundava a cidade. Na volta, deparou-se com um carrão parado no acostamento. A dona do veículo falava ao celular. Ele passou, notou que um dos pneus do veículo estava murcho, voltou e dirigiu-se a ela:

– Senhora, em que posso ajuda-la?

– Estou tentando falar com a minha Corretora de Seguros e não consigo. Veja, o pneu traseiro está furado!

– Fique tranqüila, eu mesmo troco! E pôs-se ao trabalho.

Feito o serviço, guardou o pneu avariado no porta-malas junto com o macaco e a chave de roda. A mulher agradeceu-lhe e dirigiu-se ao interior do carro. Ele, sem esperar, subiu na magrela e atravessou a rodovia. Como estava numa descida acentuada, perdeu-se de vista. A mulher tinha ido ao carro pegar a bolsa a fim de gratificá-lo, pois achou aquele homem prestativo e educado. Surpresa, ligou o carro e saiu na esperança de encontra-lo mais à frente. Porém não obteve êxito.

Ela adentrou a cidade para consertar o pneu e, como era hora do almoço, escolheu um restaurante do seu agrado. O serviço prestado fora “à la carte”.

Satisfeita com a refeição e com o atendimento, solicitou a conta. Ao pagá-la, colocou uma gorjeta substancial no porta comanda, e exclamou:

- Garçone, não estranhe minha atitude!

A gorjeta que lhe estou dando é para comprar enxoval para o bebê. Eu preciso que você aceite.

A moça ficou admirada ao averiguar a quantia. Como o marido estava desempregado, aceitou de coração.

Aquela senhora jamais saberá, em toda a sua vida, que a garçone que acabara de gratificar era a esposa do homem que a socorrera na estrada.

Edival da Silva Castro

Presença

Se és como as flores,
se és como as nuves,
se és como as pedras
de alma escondida
e como as conchas
que fingem o mar,
és sempre comigo:
estás no que finjo,
nas pedras, nas nuves,
nas flores estás.

Olga Savary (Repertório - Obra reunida)

Nome

Não eram lírios os lírios
caídos na areia, caídos
na areia roxa da noite
quase noite.
Não eram lírios, não eram
como tua sombra, eu sei,
mas eram muito mais lírios
que os lírios. Por isso
de lírios os chamarei.



Acesse, leia e divulgue
o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

FCR promove “Seminário Águas Nascentes”

Dando continuidade ao projeto “Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos”, a Fundação Christiano Rosa promoveu, entre os dias 26 e 28 de março, o Seminário Águas Nascentes”.

Realizado em Guaratinguetá/SP, no auditório da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FEG), o Seminário contou com a presença de grande número de participantes: professores, técnicos e representantes de órgãos públicos e ONGs do Vale do Paraíba, e teve como foco principal a recuperação de nascentes. Durante o Seminário abordaram-se diversos temas, sempre com o intuito de fornecer subsídios técnicos e ferramentas para o desenvolvimento de projetos de recuperação de nascentes e matas ciliares nos municípios que integram a bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul. Os três dias do evento foram divididos tematicamente entre Aspectos Técnicos, Experiências nos Municípios e Mobilização Social e Gestão de Recursos Hídricos. Assim, o primeiro dia contou com a apresentações de: Dr. George Bernardes, da FEG/UNESP, Dr. Sílvia Simões, da FEG/UNESP e Paulo Valadares, da Fundação Florestal, Dra. Maria José Záquia, Rinaldo de Oliveira Calheiros, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Dra. Helena Carrascosa, da Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo e de Marcos Martinelli, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (EDR/CATI). No segundo dia foram apresentadas as experiências com preservação de nascentes dos municípios de São José dos Campos (Bióloga Rosana Mayumi), Piquete (Bióloga Diana Damasceno), Guaratinguetá (Washington Agueda), São Luiz do Paraitinga (Professora Ana Lúcia Bilard Sicherle e equipe), Lorena (Eng. João Marcelino, do Instituto OIKOS de Agroecologia) e Cunha (Eng. Suzana

A Mesa de Abertura dos Trabalhos do Seminário



Lopes Araújo). O último dia contou com apresentações do professor Lázaro Tadeu Ferreira e de representantes do CBH-PS (Geólogo Edilson de Paula Andrade), AGEVAP (Eng. Flávio Simões) e CEIVAP.

A avaliação do Seminário pelo público presente comprovou a excelência das apresentações e dos assuntos tratados, e classificou como marcante o tema “Experiências nos Municípios”: ficou patente a importância da presença do educador nos ciclos fundamental e médio, a fim de conscientizar a população infanto-juvenil para a preservação do meio ambiente. Verificou-se, também, a disponibilidade de diversas fontes de financiamento para projetos, desde que bem elaborados e tecnicamente fundamentados. Finalmente, concluiu-se pela possibilidade de integração entre os diversos municípios, com troca de experiências. Também foram citadas as vantagens de especialização do grupo técnico envolvido, para que resultados ainda melhores sejam obtidos, visando sempre à melhoria das condições ambientais e, conseqüentemente, da qualidade de vida da população envolvida.

A abertura dos trabalhos

No primeiro dia, a abertura oficial do Seminário Águas Nascentes contou com a presença de diversas autoridades e convidados. Conduzidos, inicialmente, pela Arquiteta Ana Maria de Gouvêa, presidente do Conselho Curador da FCR, os trabalhos

tiveram início após as palavras do presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda, do presidente do CBH-PS, o prefeito de Guaratinguetá, Gilberto Fillipo Júnior, da diretora da FEG, professora Dra. Tânia Cristina Arantes M. de Azevedo, e de representantes da EDR/CATI, Jovino Paulo F. Neto, do Instituto Florestal, Paulo Valladares, do CBH-PS, Edilson de Paula Andrade, do Instituto OIKOS de Agroecologia, Dr. Tamas, dos

Comitês das Águas do Vale do Paraíba, Prof. Lázaro Fernandes, e da Diretoria Regional de Ensino de Guaratinguetá, Prof. Darcy. Também presente ao Seminário, o Diretor de Meio Ambiente da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), representando o Sr. Paulo Skaf, presidente daquela instituição, usou da palavra para ressaltar a importância de projetos como os desenvolvidos pela FCR.

Plenária do CBH-PS

O último dia do Seminário Águas Nascentes constou, no período da tarde, de uma plenária do Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), para a eleição e posse dos novos membros daquele Comitê para o biênio 2007/2009. A reunião foi muito concorrida, tendo contado com a presença de diversos prefeitos da região, além de secretários de municípios e representantes de entidades públicas e não governamentais.

Participantes do Seminário



Fotos Laurentino Dias

Palavras do representante da FIESP



Mesa com palestrantes



Dra. Helena Carrascosa



A Presidente do Conselho Curador da FCR, Ana Maria Gouvêa, encerra o seminário Águas Nascentes e parabeniza a nova diretoria do CBH-PS

FCR marca presença no CBH-PS e no CEIVAP

A Fundação Christiano Rosa (FCR) foi eleita como representante da sociedade civil em dois colegiados que atuam sobre a gestão da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul: o Comitê da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (CBH-PS) e o Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (CEIVAP).

Essa eleição corrobora a relevância dos trabalhos que vêm sendo realizados pela FCR na área de meio ambiente, em Piquete e no Vale do Paraíba. Contemplada com projetos do FEHIDRO e AGEVAP – braço executivo do CEIVAP –, a FCR vem se destacando pela excelência dos trabalhos apresentados e pela eficácia das ações. Além disso, a correta prestação de contas, bem como a seriedade no manuseio de recursos públicos, colaboraram para o consenso sobre o nome da instituição piquetense para representar as ONGs do Vale do Paraíba nos dois Comitês.

CBH-PS

A posse dos novos membros do CBH-PS, em 28 de março, constou do programa de encerramento do Seminário Águas Nascentes, um dos produtos do projeto “Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos”, financiado pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) e coordenado pela FCR. Na ocasião, foi definida, por aclamação, a recondução do Presidente, o prefeito de Guaratinguetá, Gilberto Fillipo Júnior, e do Secretário Executivo, Edílson de Paula Andrade. Para a Vice-Presidência, foi indicado e aprovado, por unanimidade, o Professor Joaquim Rodrigues dos Santos.

CEIVAP

No dia 04 de abril, em Resende/RJ, aconteceu a eleição e a posse da nova diretoria do CEIVAP. A FCR representa a sociedade civil organizada do estado de São Paulo nesse Comitê, que conta ainda com os estados de MG e RJ. A mesa diretora do CEIVAP ficou assim composta: Presidente: Paulo Teodoro de Carvalho (MG); 1ª Vice-Presidência: Mauro Viegas (RJ); e 2ª Vice-Presidência: Ana Maria de Gouvêa, pela FCR, de São Paulo, indicada pelos representantes dos três estados no Comitê.

Representante da FCR nos dois colegiados, a Arq. Ana Maria de Gouvêa esteve presente aos eventos. Em ambos falou em nome da Instituição ressaltando a importância desse reconhecimento para a FCR, justamente no ano em que a mesma completa 10 anos, fruto do trabalho abnegado de voluntários que amam a cidade e a região em que vivem. Em Resende ressaltou que: “Ser reconhecida e respeitada dentro e fora do Estado de São Paulo é motivo de orgulho para a FCR, que, desde sua instituição, em março de 1997, vem trabalhando arduamente pelo Meio Ambiente de Piquete e do Vale do Paraíba. É com grande honra que assumimos a responsabilidade de representar a sociedade civil dos estados de SP, MG e RJ em um colegiado que presta valiosa contribuição à população banhada pelo Rio Paraíba do Sul, o qual lhe garantiu crescimento e desenvolvimento”. Afirmou, ainda: “irei trabalhar arduamente e assumo o compromisso de buscar a efetiva integração deste Comitê em benefício do Rio Paraíba do Sul”.

Fotos Laurentino Dias

A nova diretoria do CEIVAP



O professor sobe à mesa

Ultimamente, tem circulado nas salas dos professores e nas rodinhas dos mestres uma paródia da música Maluco Beleza, de Raul Seixas, de autoria de Paulo Padilha, que diz assim:

*Enquanto você se esforça pra ser /
Um aluno infernal e aprender muito mal,
Eu, estressado, sem tempo e já rouco, /
Um docente “legal”, na fissura total
Controlando a minha maluquez /
E a vontade de matar uns três.
Vou gritar, gritar com certeza /
Subindo na mesa eu vou gritar [...]*

A escola passa hoje, por sérios e graves problemas de ordem social. Tornou-se um espaço de violência e indisciplina, muitas vezes, incontrolável. Claro que esses não são problemas exclusivos do nosso tempo, mas eles se agravaram e aumentaram, com certeza. A situação é alarmante.

Pesquisa coordenada pela socióloga Miriam Abramovay, em 2004, revelou que a escola se tornou um ambiente vulnerável e muito inseguro. Na pesquisa foram entrevistados alunos da rede pública de cinco capitais e do Distrito Federal, sendo que 83,4% disseram existir violência em suas escolas. O roubo é o tipo mais freqüente, citado por 69,4% dos estudantes. Dos que já foram roubados na escola, 37,1% responderam ter sido vítimas, uma ou mais vezes, no último ano. Um dado preocupante: 4,8% dos entrevistados assumem já ter participado de algum roubo na escola.

Obviamente que esses dados têm relação direta com o processo social mais amplo. O acentuado processo de urbanização, a industrialização globalizada, a expansão das formas de comunicação e informação e o acesso às mesmas, o desemprego, a distribuição desigual de renda entre as classes e muitos outros fatores externos à escola acabam por provocar o aumento da violência e da indisciplina no ambiente escolar.

O que fazer? Primeiro, reconhecer que os problemas existem. Não basta lamentar a sua existência. Segundo, conceber a escola como espaço de formação. Não como espaço de coerção, de punição ou de exclusão. Por fim, escola, famílias e comunidade precisam fazer um levantamento dos principais problemas de violência e indisciplina que ocorrem no interior da escola, para que medidas sejam adotadas. Isso, sem deixar de levar em conta a organização social mais ampla e, principalmente, que os problemas da escola devem ser tratados pela escola e não por outras organizações. Acredita-se, por fim, que a escola tem competência para tratar das suas próprias questões, não em cima da mesa, mas, quem sabe, em torno dela, para, coletivamente, debater e tomar decisões.

Laura Chaves